



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: o caminho à investigação da sociedade capitalista

Renata B. Negalho¹

Se havia de fato uma mágica nessas transformações, havia também uma devastadora apropriação dos corpos vivos e até mesmo das roupas dos mortos. (Stallybrass)

RESUMO: O presente trabalho visa fazer uma articulação entre um texto de autoria de Frei Betto - Do mundo virtual ao espiritual – e alguns autores que abordam temas que nos são tão caros, como: o outro, a identidade, o consumismo, a educação ambiental e a sociedade capitalista excludente. Não há espaços nesta sociedade histórica, povoado por sujeitos igualmente históricos, para sensações, sentimentos; pois a “aceleração” é a marca deste tempo. Os indivíduos são alocados em nichos de interesses. Somos marcados pelo individualismo, capitalismo, e falsas necessidades de consumo. E nisso, a idéia da globalização – em que todo o mundo é atravessado por um “click”; a inserção em espaços virtuais – ao mesmo tempo privados e públicos –; fazendo uma dicotomia: aproximação e segregação de pessoas/ povos.

Palavras-chave: Capitalismo; Sociedade Capitalista; Espaço virtual; Educação ambiental.

ABSTRACT: The present work aims at to make a joint enters a text of authorship of Frei Betto - Of the virtual world to the spiritual - and some authors who approach subjects that in are so expensive, as: the other, the identity, the consumerism, environmental education and the exculpatory capitalist society. It does not have spaces in this historical society, town for equally historical citizens, for sensations, feelings; therefore the “acceleration” is the mark of this time. The individuals are placed in

¹ Advogada – graduada pela Universidade Católica de Pelotas / RS; especialista em Gestão Pública pela Faculdade Atlântico Sul Do Rio Grande/ RS. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande/ RS.

interest niches. We are we mark for the individualism, capitalism, and false necessities of consumption. E in this, the idea of the globalization - where the whole world is crossed by one “click”; the insertion in cyberspaces - at the same time private and public -; making a dichotomy: approach and segregation of personal/ peoples.

Keywords: Capitalism; Capitalist Society; cyberspace; Environmental education.

INTRODUÇÃO

Toda obra começa em sua feitura, a partir de algum pensamento, e a pedra fundamental dessa é a citação feita por Edgar Morin em seu livro intitulado de: A cabeça bem feita: repensar a reforma; reformar o pensamento (2008), quando faz referência a Kleist, em Carta a uma amiga:

“Gostaria tanto de perseverar em minha educação puramente humana, mas o saber não nos torna melhores nem mais felizes. Sim! Se fôssemos capazes de compreender a coerência de todas as coisas! Mas o início e o fim de toda ciência não estão envoltos em obscuridade? Ou devo empregar todas estas faculdades, estas forças, esta vida inteira, para conhecer tal espécie de inseto, para saber classificar uma determinada planta na série dos reinos?” (Morin, 2008, pag. 09)

O acima mencionado, aponta para a questão da educação e bem diz Morin (2008), que a educação é um termo forte. Forte, quiçá, por estar enraizado em uma sociedade que ao mesmo tempo inclui o sujeito histórico em algum grupo e no contraponto, o exclui de outro grupo ou “ilha de pertencimento”. E argumenta com maestria, no mesmo sentido, quando afirma: “a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas”. (Morin, 2008:11).

Nisso, o repensar de nossa inserção em uma sociedade capitalista e excludente, faz-se necessário, para ponderar o momento histórico no qual emerge nossa cultura, nossa genética e certezas egocêntricas, que possibilitam a tentativa de resgatar certas “memórias²” adormecidas, e isso é feito com maestria na proposta epistêmica de Frei Betto³, quando sabatina nossa crença no espaço colonizado por conceitos “postos” e não mesurados. A sociedade capitalista é marcada pelo “capital”, pelo capitalismo, pela mercantilização, pela barganha. Nessa sociedade, o capitalismo advém de uma cultura

² A palavra memória na forma utilizada tem por escopo indicar as interações moleculares e energia dispensada em cada ação humana. O que agregamos a nós e atribuímos um sentido, ainda que polarizado entre bom ou mau, aqui é definido como memória.

³ Carlos Alberto Libânio Christo conhecido como Frei Betto, é uma das vozes mais ativas pela Justiça social na América Latina. Frade dominicano, Frei Betto foi preso político, e já viveu como ativista entre as classes mais desfavorecidas. É autor de 34 livros, incluindo alguns *best-seller*.

social. Há um fio condutor ao longo de todo o processo evolutivo, histórico e social, que apontou o capital como a grande moeda de “troca”. Em uma linguagem prosaica, marcada por um discurso simples e direto, o texto, intitulado de: **DO MUNDO VIRTUAL AO ESPIRITUAL**, escrito em 06 de junho de 2008, por Frei Betto, vem compor temas de profundas indagações, reflexões e compreensões em direção ao nosso próprio tempo vivido.

O escrito foi transcrito integralmente seguindo sua padronização normal. Após a exposição do mesmo, segue-se a feitura do presente trabalho; através de “ganchos” e inserções bibliográficas a fim de desenvolver o que ora se propõe. Sendo assim, expõe-se o texto:

Ao viajar pelo Oriente, mantive contatos com monges do Tibete, da Mongólia, do Japão e da China. Eram homens serenos, comedidos, recolhidos e em paz nos seus mantos cor de açafraão. Outro dia, eu observava o movimento do aeroporto de São Paulo: a sala de espera cheia de executivos com telefones celulares, preocupados, ansiosos, geralmente comendo mais do que deviam. Com certeza, já haviam tomado café da manhã em casa, mas como a companhia aérea oferecia um outro café, todos comiam vorazmente. Aquilo me fez refletir: 'Qual dos dois modelos produz felicidade?' Encontrei Daniela, 10 anos, no elevador, às nove da manhã, e perguntei: 'Não foi à aula?' Ela respondeu: 'Não, tenho aula à tarde'. Comemorei: 'Que bom, então de manhã você pode brincar, dormir até mais tarde'. 'Não', retrucou ela, 'tenho tanta coisa de manhã...'. 'Que tanta coisa?', perguntei. 'Aulas de inglês, de balé, de pintura, piscina', e começou a elencar seu programa de garota robotizada. Fiquei pensando: 'Que pena, a Daniela não disse: 'Tenho aula de meditação!' Estamos construindo super-homens e super-mulheres, totalmente equipados, mas emocionalmente infantilizados. Por isso as empresas consideram agora que, mais importante que o QI, é a IE, a Inteligência Emocional. Não adianta ser um superexecutivo se não se consegue se relacionar com as pessoas. Ora, como seria importante os currículos escolares incluírem aulas de meditação Uma progressista cidade do interior de São Paulo tinha, em 1960, seis livrarias e uma academia de ginástica; hoje, tem sessenta academias de ginástica e três livrarias! Não tenho nada contra malhar o corpo, mas me preocupo com a desproporção em relação à malhação do espírito. Acho ótimo, vamos todos morrer esbeltos: 'Como estava o defunto?'. 'Olha, uma maravilha, não tinha uma celulite!' Mas como fica a questão da subjetividade? Da espiritualidade? Da ociosidade amorosa? Outrora, falava-se em realidade: análise da realidade, inserir-se na realidade, conhecer a realidade Hoje, a palavra é virtualidade. Tudo é virtual. Pode-se fazer sexo virtual pela internet: não se pega AIDS, não há envolvimento emocional, controla-se no mouse Trancado em seu quarto, em Brasília, um homem pode ter uma amiga íntima em Tóquio, sem nenhuma preocupação de conhecer o seu vizinho de prédio ou de quadra! Tudo é virtual. Entramos na virtualidade de todos os valores, não há compromisso com o real! É muito grave esse processo de abstração da linguagem, de sentimentos: somos místicos virtuais, religiosos virtuais, cidadãos virtuais. E somos também eticamente virtuais... A cultura começa onde a natureza termina. Cultura é o refinamento do espírito. Televisão, no Brasil - com raras e honrosas exceções -, é um problema: a cada semana que passa, temos a sensação de

que ficamos um pouco menos cultos. A palavra hoje é 'entretenimento'; domingo, então, é o dia nacional da imbecilização coletiva. Imbecil o apresentador, imbecil quem vai lá e se apresenta no palco, imbecil quem perde à tarde diante da tela. Como a publicidade não consegue vender felicidade, passa a ilusão de que felicidade é o resultado da soma de prazeres: 'Se tomar este refrigerante, vestir este tênis, usar esta camisa, comprar este carro, você chega lá!' O problema é que, em geral, não se chega! Quem cede desenvolve de tal maneira o desejo, que acaba precisando de um analista. Ou de remédios. Quem resiste, aumenta a neurose. Os psicanalistas tentam descobrir o que fazer com o desejo dos seus pacientes. Colocá-los onde? Eu, que não sou da área, posso me dar o direito de apresentar uma sugestão. Acho que só há uma saída: virar o desejo para dentro. Porque, para fora, ele não tem aonde ir! O grande desafio é virar o desejo para dentro, gostar de si mesmo, começar a ver o quanto é bom ser livre de todo esse condicionamento globalizante, neoliberal, consumista. Assim, pode-se viver melhor. Aliás, para uma boa saúde mental três requisitos são indispensáveis: amizades, auto-estima, ausência de estresse. Há uma lógica religiosa no consumismo pós-moderno. Se alguém vai à Europa e visita uma pequena cidade onde há uma catedral, deve procurar saber a história daquela cidade - a catedral é o sinal de que ela tem história. Na Idade Média, as cidades adquiriam status construindo uma catedral; hoje, no Brasil, constrói-se um shopping center. É curioso: a maioria dos shoppings centers tem linhas arquitetônicas de catedrais estilizadas; neles não se pode ir de qualquer maneira, é preciso vestir roupa de missa de domingos. E ali dentro sente-se uma sensação paradisíaca: não há mendigos, crianças de rua, sujeira pelas calçadas... Entra-se naqueles claustros ao som do gregoriano pós-moderno, aquela musiquinha de esperar dentista. Observam-se os vários nichos, todas aquelas capelas com os veneráveis objetos de consumo, acolitados por belas sacerdotisas. Quem pode comprar à vista, sente-se no reino dos céus. Se deve passar cheque pré-datado, pagar a crédito, entrar no cheque especial, sente-se no purgatório. Mas se não pode comprar, certamente vai se sentir no inferno... Felizmente, terminam todos na eucaristia pós-moderna, irmanados na mesma mesa, com o mesmo suco e o mesmo hambúrguer do McDonald's... Costumo advertir os balconistas que me cercam à porta das lojas: 'Estou apenas fazendo um passeio socrático.' Diante de seus olhares espantados, explico: 'Sócrates, filósofo grego, também gostava de descansar a cabeça percorrendo o centro comercial de Atenas. Quando vendedores como vocês o assediavam, ele respondia: 'Estou apenas observando quanta coisa existe de que não preciso para ser feliz.

TEORIZANDO A PRÓPRIA TEORIA

Depois da leitura, surgem algumas palavras que carecem de significação para que seja compreendido sobre o que se quer deitar escritos. O texto exposto apresenta relações humanas, dialética, construção de necessidades/ desejo. Para bem entender tais subjetivações, precisamos entender seu conceito, a saber:

As relações humanas para se bem dizer, começam ainda no útero materno, quando as primeiras manifestações da relação mãe/ filho (a) são estabelecidas, e sentidas por ambos; a interação é algo fisicamente sentido. Assim sendo, é o relacionamento entre humanos, que está envolto por uma série de fatores como: emoções, valores, ética,

motivações, entre outros. É a interação interpessoal, intrasubjetiva. A relação mãe/ bebê, ou mãe/filho (a), é uma das relações mais completas e plenas que se possa dialogar. E, ampliando a discussão, destacam-se as relações humanas quando cita: *“ao viajar pelo Oriente, mantive contatos com monges do Tibete, da Mongólia, do Japão e da China. Eram homens serenos, comedidos, recolhidos e em paz nos seus mantos dor de açafreão”*.

Frei Betto estabelece um diálogo com uma menina de dez anos, in verbis:

“Encontrei Daniela, 10 anos, no elevador, às nove da manhã, e perguntei: 'Não foi à aula?' Ela respondeu: 'Não, tenho aula à tarde'. Comemorei: 'Que bom, então de manhã você pode brincar, dormir até mais tarde'. 'Não', retrucou ela, 'tenho tanta coisa de manhã...' 'Que tanta coisa?', perguntei. 'Aulas de inglês, de balé, de pintura, piscina', e começou a elencar seu programa de garota robotizada. Fiquei pensando: 'Que pena, a Daniela não disse: 'Tenho aula de meditação!'”

Neste trecho, é possível notar, que sua infância – a menina com quem Frei Betto estabelece um diálogo – foi ceifada pela afiada faca da “civilização”, da “concorrência futura”, do dito popular “lugar ao sol”, pois crianças são transformadas em consumidores; adustas expectativas de promissor futuro são nelas colocadas, nisso, essas crianças deixam seus brinquedos de lado e passam aos genuflexórios.

A prática da dialética, exercida pelo Frei com Daniela, remonta aos tempos da Grécia antiga. Tem-se notícias de que foi Platão discípulo de Sócrates que desenvolveu o método dialético, confirmando que o homem vive no mundo das idéias antes de sua encarnação e as contempla em seu estado puro, sendo pois, reminiscências de sua “vida” passada.

Mais adiante no texto, transmite a idéia de se estabelecer relações sociais. A pergunta é: O que são relações sociais? A resposta vem como tiro certo. São processos que se assentam na sociedade, e que, ao longo da cadeia de efeitos, passa a organizá-la e agrupá-la em nichos de interesse. Esses nichos dão origem, aos grupos sociais, em que os indivíduos se unem e são regulados pelo direito instituído e legitimamente apresentado pelas normas, leis, costumes; a fim de manterem-se socialmente equilibrados, organizados e em harmonia, propiciando a paz social. Porém, neste ínterim, e justamente por estabelecerem relações entre si, os indivíduos começam a exercitar a individualidade, concorrência, descartando muitas vezes, valores reais de

bem-estar social. Preterindo certas necessidades – digamos vitais – por outras, extravagâncias e/ ou imediatismos de consumo.

Esta abordagem está muito clara quando Frei Betto, faz um *link* com a historicidade, assim sendo:

Uma progressista cidade do interior de São Paulo tinha, em 1960, seis livrarias e uma academia de ginástica; hoje, tem sessenta academias de ginástica e três livrarias! Não tenho nada contra malhar o corpo, mas me preocupo com a desproporção em relação à malhação do espírito. Acho ótimo, vamos todos morrer esbeltos: 'Como estava o defunto?'. 'Olha, uma maravilha, não tinha uma celulite!' Mas como fica a questão da subjetividade? Da espiritualidade? Da ociosidade amorosa?

De fato, a preocupação em demasia com o corpo faz com que a “alma” em sua essência, seja deixada em segundo plano. Priorizou-se a estética, o exterior; em detrimento da substancialidade, do labutar teórico. Talvez isso seja uma possível explicação às superficiais relações afetivas, humanas, experienciadas e vividas em pleno século XXI, em que o TER sobrepõe-se ao SER.

Quais são as bases estabelecidas das identidades sociais? Para Bauman “(...) as identidades talvez sejam as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e perturbadoras da ambivalência (2004,38). Para McLaren (2000) a formação de identidades culturais precisam ser vistas como descentralizadas devido à constituição em relação à alteridade. Um exemplo clássico disso, é que as relações sociais – em específico aqui, uma relação empregatícia – em que tais relações não se baseiam mais em lealdade, mas sim, em produtividade. Paradoxalmente, “*as empresas consideram agora que, mais importante que o QI, é a IE, a Inteligência Emocional. Não adianta ser um superexecutivo se não se consegue se relacionar com as pessoas. Ora, como seria importante os currículos escolares incluírem aulas de meditação!*”. (Frei Betto, 2008) Talvez a meditação pudesse proporcionar um encontro da natureza humana com seu próprio eu, onde a flexibilidade fosse a porta-voz das relações.

A afetividade e sua demonstração são subjetivas, sentidas ou não, e as relações tem por base à compreensão; portanto,

[...] há um conhecimento que é compreensível e está fundado sobre a comunicação e a empatia – simpatia, mesmo – intersubjetivas. Assim, compreendo as lágrimas, o sorriso, o riso, o medo, a cólera, ao ver o *ego alter* como *alter ego*, por minha capacidade de experimentar os mesmos

sentimentos que ele. A partir daí, compreender comporta um processo de identificação e de projeção de sujeito a sujeito. (...) A compreensão, sempre intersubjetiva, necessita de abertura e generosidade. (Morin, 1999:93)

Não se pode olvidar das “fronteiras” abstratas que estão permanentemente para além das relações. Segundo o autor Peter McLaren, todos os grupos necessitam de narrativas que os faça reconhecer como grupo, como ligados aos mesmos interesses. McLaren manifesta-se do seguinte modo: “*a produção de identidades de fronteira tem menos relação com a busca de autoconhecimento do que com o que Foucault viu como “um método de auto-estima”*”. (McLaren, 2000: 200) Deste modo, àquele que não está em consonância com o que estilizamos como certo e/ ou adequado é tratado como estranho e, impreterivelmente, excluído.

Quem não utiliza tecnologia. Não usa roupas de marcas famosas – há um trecho da obra “O casaco de Marx” que bem retrata isso: “*numa sociedade da roupa, pois, a roupa é tanto uma moeda quanto um meio de incorporação. Á medida em que muda de mãos (...) está estritamente associado a dois aspectos quase contraditórios de sua materialidade: sua capacidade para ser permeada e transformada tanto pelo fabricante quanto por quem a veste*” (Stallybrass, 2000: 18) – ou capitalistamente indicadas, ou não pensa de maneira formatada pelo grupo ao qual pertence, é tachado como “o diferente”; assim, criam-se barreiras intransponíveis. Certas pessoas para serem aceitas; sentirem-se seguras e pertencentes a algum meio que julgue bom; recorrem à virtualidade, onde os espaços parecem mais flexíveis, onde o estereótipo de perfeição, não conta muito (enquanto estiver atrás do monitor), onde não há paradigmas coativamente impostos. Nessa mesma esteira de pensamento, trás o texto:

Hoje, a palavra é virtualidade. Tudo é virtual. Trancado em seu quarto, em Brasília, um homem pode ter uma amiga íntima em Tóquio, sem nenhuma preocupação de conhecer o seu vizinho de prédio ou de quadra! Tudo é virtual. Somos místicos virtuais, religiosos virtuais cidadãos virtuais. E somos também eticamente virtuais...

A virtualidade segrega as relações, as absorve da realidade e tudo passa a ser “dominado” pela virtualidade, pela falta de compromisso e engodo emocional. Existe uma “relação” que de fato não há; não há envolvimento. E isso gera uma “roda viva” em que tudo é substituível, descartável e socialmente dispensável.

Em função desta construção/ desconstrução social, estabelecem-se falsas idéias de necessidade de consumo, - para suprir outras necessidades também implantadas pelo capitalismo - como que se obtendo determinado produto/ objeto o ser humano obtivesse plena satisfação e alegria; a partir deste momento, não mais seria triste ou frustrado, mas captaria todas as coisas boas da vida. Certo padrão social estabelecido pelo grupo social ao qual pertence ou quer pertencer. É crescente o consumismo, o imediatismo onde satisfazer os prazeres é sinal de *status* social e “felicidade”.

É nítida a captação social exposta no texto quando: “(...) *como a publicidade não consegue vender felicidade, passa a ilusão de que felicidade é o resultado da soma de prazeres (...)*”. De veras, a construção da necessidade dá-se para satisfazer o desejo. E nisso, desponta o fetiche⁴ como sendo aquele objeto ao qual é atribuído valor desmesurado. Como só suprimindo aquela “necessidade” o sujeito fosse ficar em paz e feliz. Na utilização prática, não teria serventia para nada, seria mais um adorno ou objeto descartável a encher lixeiras pelas ruas; mas naquele determinado momento, a coisa fetichizada tem uma valoração sem precedentes.

“*Assim, na sociedade dominada pelo capital, a liberdade e a igualdade passam a ter como alicerces escravidão e desigualdades*” (Sallum, Jr. apud Loureiro, 2007:17), e o desafio passa a ser não se submeter a isso. O capital engessa o humano à concretização de certas metas, o capitalismo constrói barreiras entre sociedades e empurra à margem aquele que não consegue o manutenciar.

“*A fase contemporânea do capitalismo, ao mesmo tempo em que espetaculariza a vida social (Debord, 1997), fragmenta a dimensão pública, esvazia a ação política e vincula a condição de cidadania ao padrão de consumo*” (Loureiro, 2007:14) e nisso abre precedente para que se perceba a condução “coercitiva” dos grupos e atores sociais, ao tempo em que “*manifesta a ação de grupos de monopólios que controlam setores estratégicos da economia, afetando a possibilidade material de sobrevivência das pessoas (...)* cria, assim, uma sensação de maior autonomia individual e de criação cultural (...)” (Loureiro, 2007:15)

⁴ Um fetiche (do francês *fétiche*, que por sua vez vem do português *feitiço* e, este, do latim *facticius* "artificial, fictício") é um objeto material ao qual se atribuem poderes mágicos ou sobrenaturais, positivos ou negativos. Inicialmente este conceito foi usado pelos portugueses para referir-se aos objetos empregados nos cultos religiosos dos negros da África ocidental.

Isso acontece não só em relação a objetos inanimados, mas também, podendo chegar a “degraus” na teia social, ter certos tipos de amizades, desenvolvendo-se para todos os lados e direções. Seria como um carro desgovernado; não se sabe onde, como irá parar, tampouco, em que situação e quais as conseqüências de tal fato. Percebe-se isso ao ler: *“Se tomar este refrigerante, vestir este tênis, usar esta camisa, comprar este carro, você chega lá! ' O problema é que, em geral, não se chega! Quem cede desenvolve de tal maneira o desejo, que acaba precisando de um analista. Ou de remédios. Quem resiste, aumenta a neurose”*.

Fugir de certas “armadilhas” sociais projetadas aos grupos é uma questão de ética pessoal. Não se trata de ser o chamado “politicamente correto”, mas eticamente condizente. Não adianta um discurso desagregado de uma prática que o subsista. Em análise do “politicamente correto”, aponta Skliar:

o mundo do politicamente correto é um mundo onde seria melhor não nomear o negro como negro, não chamar o deficiente de deficiente, onde não seria melhor chamar o índio de índio. É o mundo do eufemismo, do travestismo discursivo. Não nomeá-los, não dizê-los, não chamá-los, mas manter intactas as representações sobre eles, os olhares e, torno deles. (SLLIAR, 2003, p. 80)

E nisso, “apagam seus vestígios, sua língua, seu rosto, suas marcas, suas histórias, porque até o próprio nome se tornou politicamente incorreto” (Skliar, 2003:80). Em nome da “ética”, em sermos éticos; em termos um comportamento ético, deixamos que “ver o outro” em sua totalidade, e não mais o definimos como ele é, esvaziamos nossas “boas” ações e nesta contramão discursiva, distanciamos-nos dia-a-dia nas relações e ficamos cada vez mais absortos em *chat's*; correios eletrônicos; chamadas virtuais. E, afinal, o que se entende por ética nos dias atuais?

A palavra ética tem origem grega “ethos” e significa “modo de ser”, enquanto a moral designa do latim “mores”, tendo por significado “costumes”. Para Motta (1984) a palavra ética tem a significação de: *“conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive, garantindo, outrossim, o bem-estar social”, ou seja, Ética é a forma que o homem deve se comportar no seu meio social”*.

O peso da ética em nossas vidas é tão forte que Frei Betto destaca com grande propriedade o trecho a seguir: *“ o grande desafio é começar a ver o quanto é bom ser livre de todo esse condicionamento globalizante, neoliberal, consumista. Assim, pode-*

se viver melhor. Aliás, para uma boa saúde mental três requisitos são indispensáveis: amizades, auto-estima, ausência de estresse”.

Agir eticamente é ser condizente com o que se quer, e no momento, viver livre deste condicionamento social é um importante e vital passo à sobrevivência ambiental. Ao passo que tudo comece a se tornar descartável; até o humano.

Começamos por não mais nos percebermos inseridos em uma lógica capitalista, em que os benefícios do capital agraciam poucas pessoas, mas a grande massa populacional com sua força de trabalho produtiva é que gera o lucro para os detentores dos meios de produção/ instrumentos de trabalho e assim, engrossam a camada dos cada vez mais ricos em contraponto com “os cada vez mais pobres” e mais distanciados das benesses da sociedade capitalista.

A progressão histórica do capitalismo talvez esteja intrinsecamente atinente aos processos tecnológicos e isso, “começa” na revolução industrial. Engendrando assim, toda uma ruptura e nova feitura na estabelecida estrutura sócio-econômica. Dantes, marcada pelo escambo, trocas de mercadoria e manufaturas.

Com isso, iniciou-se a concentração de população nos centros urbanos, e as novas relações de trabalho na qual, o trabalho braçal/ artesanal vai sendo substituído de forma gradativa por máquinas e maquinários movidos a vapor; esses vão impulsionar a detenção daqueles meios de trabalho por alguns em detrimento a outros; que de donos da mão-de-obra passarão a “escravos” dos donos da produção.

Os séculos XVIII e XIX foram de grandes e profundas transformações sociais introduzidas e sentidas até hoje. Desponta-se, assim, a globalização começada no final do século XX e enraizada completamente no século XXI. A globalização – a grande transformação – “afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre o eu e o outro” (Bauman, 2004:11). Acirrou a concorrência entre os mercados internacionais e acelerou a internalização de certas mudanças reflexo deste novo paradigma surgido, arrematando as profundas transformações da sociedade.

Afirma Carlos Skliar sobre a globalização que:

“A imagem do mundo globalizado se tornou demasiado ambígua em suas interpretações humanas; gera, por definição, conseqüências tragicamente duais; oferece-nos, ao mesmo tempo, demasiado beneplácito e demasiada virulência; longe de homogeneizar (-nos), se acaso esse for seu propósito, tende a fragmentar (-nos), a polarizar (-nos), a desordenar (-nos), a desclassificar (-nos). O mundo globalizado é também a imagem de um ciberespaço, um espaço que suprime todo traço do tempo e anula sua própria espacialidade; um mundo cuja produtividade (nos) fez mudar essencialmente nossa pergunta sobre a existência (ser ou não ser?) pela pergunta sobre a interconectividade (estar ou não estar conectado?)”. (Skliar, 2003:77)

No pensamento de Walter Porto (2006), “a globalização não é um termo neutro”; visto que há um “fascínio na idéia de globalização como superação das fronteiras e das barreiras locais e nacionais”, colocando a globalização a serviço do capitalismo. Enfatizando-se que: “a expansão do capitalismo revestia-se de uma aura de missão civilizatória e, dessa forma, absolvía-se o etnocídio e o genocídio que se cometia contra os povos (...)” (Porto, 2006:13).

Seguindo a mesma linha de pensamento, “o capitalismo deve muito do seu desenvolvimento aos combustíveis fósseis – carvão e, depois, petróleo e gás. (...) O capitalismo é, pela natureza da sua própria história, fossilista”. (Porto, 2006:31), ou seja, pela dominação dos “povos” ele assujeita os sujeitos históricos à sua marcha exploratória; negando a esses mesmos sujeitos a capacidade de se auto-regularem, no sentido de terem a possibilidade de estabelecerem relações não mercantilizadas.” O homem torna-se a medida do mundo” (Henning, 2008: 04)

Vivemos hodiernamente em um período neoliberal, mas calcados em mudanças mundiais. Por ser – o Brasil – uma país pertencente ao G20, o que indica ser um país em desenvolvimento – o consumo interno e o produto interno bruto, geram a concorrência e a ocupação de melhores condições sociais no *ranking* mundial. Consumimos mais o que a imagem nos vende, a publicidade nos aponta como o êxtase da felicidade do que de fato precisamos para viver bem.

A lógica capitalista impulsiona o consumo desenfreado, a individualidade, a concorrência e a deslealdade com o próximo, na medida em que somos “obrigados” a “ter” para passarmos à categoria do “ser”. Talvez, alguém se sinta mais do que o outro em função da roupa que veste por causa da marca. Será que já pensaram que a empresa que fabrica aquela marca famosa também fabrica outra marca quiçá não tão famosa, só para abrir a concorrência e disputar mercado? Assim quem paga pelo estilo “visionário” daquele empresário, somos nós, “presas” fáceis do capitalismo alucinante. Vivemos

uma época pós-moderna, e isso é captado de forma tenaz por Frei Betto, quando anuncia que:

Há uma lógica religiosa no consumismo pós-moderno. Se alguém vai à Europa e visita uma pequena cidade onde há uma catedral, deve procurar saber a história daquela cidade - a catedral é o sinal de que ela tem história. Na Idade Média, as cidades adquiriam status construindo uma catedral; hoje, no Brasil, constrói-se um shopping center. É curioso: a maioria dos shopping centers tem linhas arquitetônicas de catedrais estilizadas; neles não se pode ir de qualquer maneira, é preciso vestir roupa de missa de domingos. E ali dentro sente-se uma sensação paradisíaca: não há mendigos, crianças de rua, sujeira pelas calçadas...

Esta “nova” sociedade pós-moderna é a grande “vilã” dos processos de inerentes à sociedade de consumo. Consumo é a palavra chave de nosso atual momento histórico. Somos seres históricos e fazemos história, e a sociedade de consumo define-se assim por estar diretamente ligada a uma economia de mercado. Há grande exposição de bens e serviços produzidos em larga escala; onde se estabelece a lei da oferta e procura, havendo uma fluente circulação de bens, serviços, pessoas e capital.

“O ‘modo consumista’ requer que a satisfação precise ser, deva ser, seja de qualquer forma instantânea, enquanto o valor exclusivo, a única ‘utilidade’, dos objetos é a sua capacidade de proporcionar a satisfação”. (Bauman, 2004:70)

Sendo assim, o mundo global absorve as intrínsecas redes de comunicação entre as camadas sociais, que vão se diferenciando pelo seu consumo. Há constantemente propagandas de incentivo ao consumo, ao descarte; os produtos são fabricados com a vida útil programada para serem substituídos em determinado tempo, a aquisição de bens e serviços está a serviço da temporalidade (momento histórico vivenciado) ou tendências sociais, tudo guiado e determinado pela sociedade capitalista de consumo. Não se adquire um bem, pela sua utilidade, função, fruição ou necessidade, mas sim, pelo valor social e financeiro agregado a ele. O produto passa a ser valorado e não mais, valorizado pela sua origem/ funcionalidade.

Este desafio de dizer “não” ao consumo desenfreado e sem criticidade, é bem talhado por Loureiro, quando aponta que apenas a educação poderia direcionar e esclarecer esse consumo irresponsável determinado pela sociedade que aponta “necessidades” e falsos valores de “pertencimento” – para Bauman (2004) houve a substituição da idéia de ‘pertencimento’ pela idéia de ‘identidade’ nacional e/ ou

grupar, por ‘crise do pertencimento’ e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” – pontuando e “(...) entendendo a educação não como único meio para transformação mas como um dos meios sem o qual não há mudança” (Loureiro, 2004).

Assim, amplia-se a discussão partindo da educação – aquela defendida por Edgar Morin, como dialógica e enraizada no sujeito – indo ao encontro da educação ambiental, que problematiza e considera não só o local, mas o global; e afirma-se como aposta de melhoria futura que:

cabe a educação ambiental gerar um sentido de responsabilidade social e planetária que considere o lugar ocupado pelos diferentes grupos sociais, a desigualdade no acesso e uso dos bens naturais e nos efeitos desse processo, as diferentes culturas e modos de entender a ameaça à vida no planeta, problematizando as ideologias e interesses existentes por trás dos múltiplos modelos de sociedades sustentáveis (LOUREIRO, 2004:58)

Desta mesma forma Frei Betto vem ao encontro de tais idéias quando afirma que: *“Quem pode comprar à vista, sente-se no reino dos céus. Se deve passar cheque pré-datado, pagar a crédito, entrar no cheque especial, sente-se no purgatório. Mas se não pode comprar, certamente vai se sentir no inferno..”* E neste arcabouço de falsas necessidades, desejos forjados à imagem do “sucesso”, “felicidade” e “*status social*”, salta “aos olhos” o conceito de mesmidade, onde o mesmo, o igual é a pauta para o “outro”. É um “comum- pertencer”⁵ no sentido de identidade. A identidade torna-se a certo ponto, um divisor de águas, pois:

(...) a identificação é também um fator poderoso de estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (BAUMAN, 2004:44)

Entende-se, talvez erroneamente, como mesmidade a seguinte frase de F. Betto *“felizmente, terminam todos na eucaristia pós-moderna, irmanados na mesma mesa, com o mesmo suco e o mesmo hambúrguer do McDonald’s (...)”*.

⁵ Termo criado para identificar a mesmidade.

O tempo da mesmidade e o modo como se dá o tempo é perspectivado no tempo presente, e não como simulacro de tempo sem definição, pois “o presente é ao mesmo tempo, a irrupção do outro que não pode ser ordenada, definida, estabelecida de uma vez e para sempre. O presente é a impugnação e a irrupção do outro. A impugnação e a perplexidade da mesmidade”. (Skliar, 2003:64)

Partindo-se da mesmidade ruma-se a alteridade. O que de tão especial detém a dita premissa? Sabe-se que o Homem por ser um ser social, estabelece relações com outros Homens, interagindo de forma interdependente em suas relações, visto que o Homem não consegue viver isolado, enclausurado em sua própria “casca” como se um caramujo fosse. Necessita assim, promover interações sociais, afetivas. Guarnecendo trocas diárias com outras pessoas; ainda que, viva em grupos por “afinidade”.

Nesta promessa de “dias melhores”, de sentimentos ou emoções “correspondidas”, emerge a virtualização – em que a realidade “sólida” é posta em segundo plano – ficando expressa dita relação na seguinte passagem no livro de Zygmunt Bauman, intitulado de: “Identidade”, ao abordar a questão da internet e o viés que esta faz com a vida social do sujeito, na medida em que cria espaços “extraterritoriais”:

(...) os ‘grupos’ que os indivíduos destituídos pelas estruturas de referência ortodoxas ‘tentam encontrar ou estabelecer’ hoje em dia tendem a ser eletronicamente mediados, frágeis, ‘totalidades virtuais’, em que é fácil entrar e ser abandonados. Dificilmente poderiam ser um substituto válido das formas sólidas – com a pretensão de ser ainda mais sólidas – de convívio que, graças à solidez genuína ou suposta, podiam prometer aquele reconfortante (ainda que ilusório ou fraudulento) ‘sentimento de nós’ – que não é oferecido quando se está ‘surfando na rede’. (...) Citando Charles Handy, teórico da administração, (...) ‘engraçadas podem ser, essas comunidades virtuais, mas elas criam apenas uma ilusão de intimidade e um simulacro de comunidade. (BAUMAN, 2004:31)

Aguça-se, portanto, a importância de estar bem consigo mesmo, de saber conviver com aquele estranho dentro de nós: o nosso EU. A introspecção é uma atitude em extinção (Bauman, 2004), pois a partir deste encontro consigo, é possível “dialogar” com o outro. A partir disso, é indubitável englobar o outro em sua totalidade e complexidade, como analisa Frei Betto:

Os psicanalistas tentam descobrir o que fazer com o desejo dos seus pacientes. Colocá-los onde? Eu, que não sou da área, posso me dar o direito de apresentar uma sugestão. Acho que só há uma saída: virar o desejo para dentro. Porque, para fora, ele não tem aonde ir! O grande desafio é virar o desejo para dentro, gostar de si mesmo (...) (Grifo meu)

Abre-se em botão, o conceito de alteridade – vez que preciso primeiro me amar como sou, juntamente com minha complexidade, para poder amar e abarcar o outro – vem explicitado pelo entusiasta literário, Frei Betto, que o declina como: “*É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem. A nossa tendência é colonizar o outro, ou partir do princípio de que eu sei e ensino para ele. Ele não sabe. Eu sei melhor e sei mais do que ele (...)*”.

Em uma construção *sui generis* Peter McLaren, afirma que: “a alteridade sempre intervém para prevenir o sujeito de fixar-se em um sistema de significação fechado e mantém aberta uma nova área de negociação de significado e representação”. (McLaren, 2000:199)

Compreender o outro “para além dele mesmo”; ver-se como um sujeito histórico; e dialogar com a materialidade das necessidades é algo fascinante. Por derradeiro, subsumisse passagem do texto a fim de apresentar que a vida em sociedade é marcada pela revolução industrial. Pois Sócrates ao invés de deleitar-se às compras; utilizada a observação como modo de “conceituação social”. E, Frei Betto segue nesta mesma linha, quando argumenta que:

Costumo advertir os balconistas que me cercam à porta das lojas: “Estou apenas fazendo um passeio socrático.” Diante de seus olhares espantados, explico: “Sócrates, filósofo grego, também gostava de descansar a cabeça percorrendo o centro comercial de Atenas. Quando vendedores como vocês o assediavam, ele respondia: “Estou apenas observando quanta coisa existe de que não preciso para ser feliz (Grifo meu).”

O ser humano revela a sua face na medida em que passa a perceber que ele, enquanto humano, e ser identitário, é muito mais que um simples emaranhado de “imposições” sociais. Ao longo desta via, desponta a percepção sutil de Morin, ao que define:

o ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural. O cérebro, por meio do qual pensamos a boca, pela qual falamos, a mão, com a qual escrevemos, são órgãos totalmente biológicos e, ao mesmo tempo, totalmente culturais. O que há de mais biológico – o sexo, o nascimento, a morte – é, também, o que há de mais impregnado de cultura. Nossas atividades biológicas mais elementares – comer, beber, defecar – estão estreitamente ligados as normas, proibições, valores, símbolos, mitos, ritos, ou seja, ao que há de mais especificamente cultural; nossas atividades mais culturais – falar, cantar,

dançar, amar, meditar – põem em movimento nossos corpos, nossos órgãos; portanto, o cérebro. A partir daí, o conceito de homem tem dupla entrada: uma entrada biofísica, uma entrada psicossociocultural; duas entradas que remetem uma à outra (MORIN, 1999:40/41)

E, somos complexidade, e identitários, se sabemos que usamos, temos e acumulamos ao longo da vida coisas que sabemos não precisar porque não nos libertarmos destas amarras? “Somos uma universalidade genérica em uma sintaxe cultural singular” (Ruscheinsky, 2002:26) neste unísono entre genética e cultura, construímos arcabouço individual, em que a força motriz de uma mudança consistente, seria exercitarmos a nossa capacidade de diálogo com o nosso “eu” e o “outro” em todas as suas direções. É abordado por Maturana (2007) com clareza solar quando enseja:

[...] todo ato humano ocorre na linguagem. Toda ação na linguagem produz o mundo que se cria com os outros, no ato de convivência que dá origem ao humano. Por isso, toda ação humana tem sentido ético. Essa ligação do humano ao humano é, em última instância, o fundamento de toda ética como reflexão sobre a legitimidade da presença do outro. (MATURANA, 2007, p. 269)

Encontra-se nesta citação terreno fértil ao legitimar a presença do outro, que nada mais é do que: alteridade. Wellington Nery – bacharel em Jornalismo / Comunicação – preconiza com clareza solar o conceito alteridade e o define:

Alteridade, o caráter do que é outro, a diversidade, a diferença. Sim, o antônimo de identidade. É preciso contemplar a diferença em todas as suas nuances. Para isso, busquemos entender que “quando eu nomeio, eu me nomeio” e sem o outro eu não sei quem sou, pois só sou em sociedade. E as sociedades devem ser múltiplas como a vida o é. O diferente é necessário, imprescindível, essencial. Respeitar o outro é querer respeito consigo. Somos todos uns em função do outro. Não nos cabe o preconceito, a intolerância, a estupidez, a barbárie. Somos pó, e retornaremos todos ao estado homogêneo de nossa existência quando o tempo findar (...). (NERY, 2008)

Nery faz um apanhado de forma a nos fazer refletir que só “somos” porque o outro existe, porque somos seres sociais e vivemos em grupos. E as diferenças, na verdade, vem a somar, pois diferentes experiências, diferentes conceitos e valores, fazem com que questionemos o momento no qual vivemos e assim, nos é permitido questionar, permutar, e ver que não somos seres estáticos e sim, dinâmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção deste escrito, não casualmente, procurou-se sentido a muitos questionamentos. Não há como passar pela alfândega literária de Frei Betto e não questionar o “estar” no mundo. Foi, sem sombra de dúvida, uma construção

milimétrica, tecida por fios sedosos cuidadosamente escolhidos, que Frei Betto trouxe a bojo o “humano”, suas implicações e inquietudes. Apresenta questões guarnecidas de profunda qualidade epistemológica.

No apontamento sobre o que seja identidade e a terminologia forte da educação, permitiu que uma vôo livre fosse alçado, haja visto que a educação ambiental subsidia a construção e compreensão da complexidade. Permite indagações e reflexões humanas, em que o humano sobrepõe ao capital, embora que a globalização seja uma avalanche social. É materialmente possível aliviar o capitalismo de nossas vidas; o primeiro passo, é a ressignificação do que projetamos “por viver”, “por felicidade”, “por sucesso”.

Abordar a mesmidade, o outro, sempre proporciona momentos aprazíveis e de forte conotação reflexiva; é pois um momento ambíguo: disjuntivo e de profundo encontro. A partir da representação e singularidade do outro – aquele que não sou eu – é compreensível ir de encontro com a famosa frase: “quem sou eu?”.

Frei Betto, questiona de maneira prosaica a ética, a condição humana e aduz que somos seres livres; portanto, produzimos cultura e por ela, somos construídos. Não há uma ambivalência dialógica nisso, mas um arquétipo de responsabilidade social, no qual à adoção de uma identidade a nossa escolha, está para além do capital. A ética, a educação ambiental, a cultura, a produção do ser histórico, vai nos permitir constituir e/ou representar o outro considerando a sua estrutura biológica, cultural e social. E neste ínterim suas interações e constituições sociais.

Esta cognição sobre o outro, sobre diferenças e dinâmicas reflexivas deveriam conduzir a práxis da sociedade capitalista. Em que pese não ser assim, a educação ambiental propicia momentos de sintonia entre os “humanos” e toda a natureza constitutiva desse – em seu sentido mais amplo – de relações sociais, afetivas e cognoscíveis. Desmitificando conceitos que são o albergue de uma teia de relações interrelacionadas.

E a apresentação sagaz de quanta coisa existe, consumimos, descartamos, desejamos, sonhamos, queremos e que, de fato, não precisamos para sermos felizes. Quanta materialidade, futilidade, e desejos forjados nos são “vendidos” neste mundo mercadológico. Até as relações afetivas foram “fagocitadas” em nome disso. Vivemos

em um mimetismo social, em que nada é o que parece ser. Tudo é temporário, portanto, dromologicamente marcado.

Temos pressa. Impulsos de consumo não só da “coisa”- objeto tangível – como também do outro – enquanto ser humano – e dotado de sentimentos, pensamentos, emoções. Queremos “tudo” e a “todos” na velocidade da luz; ao mesmo tempo, que tudo “desmorona” e se desfaz na mesma velocidade. Queremos estabilidade emocional, estabilidade financeira, condições aprazíveis de vida, mas; somos insaciáveis pelo desejo do “ter”.

Será que refletimos de que quase tudo o que é palpável não preenche à alma? Infelizmente, ainda estamos – se não todos; boa parte de nós – atrelados ao consumismo, sem exercer a solitária observação socrática. Se formos meditar em um centro comercial, certamente, sairemos carregados de bolsas, sacolas e algo mais, mesmo que tenhamos que passar pelo “purgatório”, pois o “reino dos céus” é para poucos. Ideal seria apenas o “passeio socrático”, infelizmente, tão distante da conturbada e irriquietante “jornada capitalista”.

Esta jornada capitalista é construída dia-a-dia pela mídia a serviço do grande capital circulante. Enquanto estilistas desenham, criam, misturam texturas e cores lá, nos países ditos civilizados; nós, por aqui, nos países “sabidamente” subdesenvolvidos cremos ao passar na frente de uma loja que aquela roupa ou acessório, ou o que quer que seja; está ali, e só “dominando” aquilo, serei feliz. Reforça-se economicamente, adquire-se o objeto que não foi criado para nós, nem pensado em nós, visto que um estilista estaduniense não teria dado a saber sobre o povo brasileiro. Somos, por assim dizer, formatados para o consumo; donde não há brechas para a alteridade, para a complexidade, muito menos, para o “pensar sobre”.

Precisa-se questionar; valorar e valorizar os sujeitos e suas imbricadas teias. Não há sujeito sem história, como não há história sem sujeito. Há nos textos uma dialogicidade. Um convite ao pensamento, aos questionamentos sobre nossas próprias bases constitutivas e outras tantas, forjadas. A reflexão parte da própria incerteza da vida. Toda a descoberta é marcada por desafios. E nosso maior desafio é descobrirmo-nos como seres humanos, dotados de razão, desejos e complexidade.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CHRISTO, Carlos. **Do mundo virtual ao espiritual**. Disponível em: <http://www.correiocidadania.com.br/content/view/1902/55/> Acessado em 04 de novembro de 2008.

GONÇALVES, Carlos. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

HENNING, Paula. **Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: igualdade e liberdade nos discursos educacionais contemporâneos**. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

LOUREIRO, Carlos. **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

LOUREIRO, Carlos. **Trajetórias e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MATURANA, Humberto. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: PalasAthena, 2007

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: BertrandBrasil, 2008.

NERY, Wellington. **Princípio da alteridade**. Disponível em: <http://falandonalata.wordpress.com/o-principio-da-alteridade/br> Acessado em: 07 novembro de 2008

RUSCHEINSHY, Aloísio. **Educação ambiental: Abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

Recebido em 30/04/2009
Aprovado em 19/06/2009